ISSN: 1678-0655 n° 6

Ensaio sobre a Função da Arte na Educação

Reinaldo de Souza Marchesi[1]

Resumo: Este proposto ensaio discorre sobre pontos daquilo que Nietzsche coloca como sendo o papel da arte na educação alemã do século 19. Para ele a cultura não deveria ser "serva do ganha-pão e da necessidade" que tanto o Gymnasium e a universidade haviam se voltado para a profissionalização, pouco se distinguindo de escolas técnicas, e ainda se ostentando como lugares de cultura. Deste modo, sua proposta é que seja investigado como essas questões estão sendo colocadas no conjunto da arte e da filosofia, que segundo o próprio, são as únicas disciplinas capazes de moderar a feição histórico-científica e profissionalizante.

Palavras-chave: Nietzsche, educação e arte.

Abstract: This essay discusses the proposed points of what Nietzsche places as the role of art in 19th century German education. For him, culture should not be "servant of the breadwinner and of necessity" that both the Gymnasium and the university had been leaning towards professionalisation, little is distinguished from technical schools, and still sporting as places of culture. Thus, his proposal is to be investigated how these issues are being placed throughout the art and philosophy, which according to himself, the only disciplines able to moderate the feature scientific and professional history.

Keywords: Nietzsche, education and art.

1 Mestre em Educação pela UFMT, professor do Centro Universitário de Várzea Grande

ISSN: 1678-0655 n° 6

APRESENTAÇÃO

> Tu és um homem de cultura degenerado! Nasceste para cultura, mas foste educado pela incultura! Tu és um bárbaro impotente, escravo do dia, atado pela corrente do momento e faminto – eternamente faminto!
>
> (Friedrich Nietzsche - 5ª Conferência sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino)

> Querer ostentar que a Universidade seja uma instituição de Cultura, mesmo sabendo que nela inexista a Arte e a Filosofia, é ser no mínimo sarcástico, irônico ou estúpido.
>
> (Reinaldo S. Marchesi)

Um *Ensaio* é um texto breve, entre o poético e o didático, que expõe ideias, críticas e reflexões a respeito de certo tema. Consiste também na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema -humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário, etc.-, sem que se paute em formalidades como documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter científico, assumindo a forma livre e assistemática sem um estilo definido.

Em termos gerais, numa aligeirada consulta a um *Dicionário de Filosofia,* encontramos *cultura* definida do seguinte modo:

> Esse termo tem dois significados básicos. No primeiro e mais antigo, significa a *formação* do homem, sua melhoria e seu refinamento. [...] No segundo, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de *civilização*. A passagem do primeiro para o segundo significado ocorreu no século XVIII por obra da filosofia iluminista, o que nota bem este trecho em Kant: "Num ser racional, cultura é a capacidade de escolher seus fins em geral. Por isso, só a cultura pode ser o fim último que a natureza tem condições de apresentar ao gênero humano. (ABBAGNANO, 2000, p. 225, grifo do autor).

ISSN: 1678-0655 n° 6

Bárbaro é um sentido de ausência de cultura, de um ideal de formação de homem em sentido amplo. Analisando o sentido de cultura à qual Nietzsche se referia, Sampaio (2008, p. 62) encarece o sentido de Barbárie:

> O moderno Estado alemão toma a "cultura" como um instrumento de sua própria exaltação. [...] O grande exemplo de civilização é o *imperium romano*, enquanto a Grécia permanece sendo modelo de cultura. A cultura grega não objetiva a formação de uma individualidade perfeita, mas visava ao povo enquanto unidade concreta, isto é, enquanto *comunidade*, em seu âmago, gesta o gênio e geram-se suas obras. Arte, caráter e civilidade formam um único "organismo", um estilo ímpar e coerente. [...] Com o termo "barbárie" ele [Nietzsche] aponta para a diferença entre sua atualidade e os gregos: neles, arte e filosofia não estavam apartadas da vida partilhada.

Meu pensar, *a partir* do filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche, não será pensar a atualidade de seu texto, mas com muito mais coerência poderá ser pensar a atualidade através de seu texto.

O filósofo alemão Nietzsche (Röcken, 1844 - Weimar, 1900), antes de ter sido nomeado professor universitário na Basiléia, com seus vinte e cinco anos, já tratava de confessar perante seus amigos e perante si próprio a aceitação do cargo:

> [...] ingressarei numa profissão nova para mim, numa pesada e opressiva atmosfera de obrigações e deveres [...] reina agora a rigorosa deusa, a obrigação diária [...]. *Sim, sim! Agora é a minha vez de ser um filisteu!* Mais dia, menos dia, aqui ou ali, o dito sempre se comprova. As funções e as dignidades são coisas que nunca se aceitam impunemente. Toda a questão está em saber se os grilhões que se arrastam são de ferro ou de linha. E ainda disponho de coragem bastante para romper no momento oportuno algum elo, e arriscar de uma outra maneira ou em outro lugar, alguma tentativa de vida perigosa. Da gibosidade obrigatória do professor, ainda não vejo nenhum vestígio em mim. Tornar-se filisteu, homem de rebanho – que Zeus e as Musas me poupem isso! *Aliás, não vejo como me poderia tornar o que não sou*. [Carta de 13 de abril de 1869 – portanto seis dias antes de sua chegada a Basiléia]. (NIETZSCHE, *apud* WEBER, 2008, p. 517-518).

ISSN: 1678-0655 n° 6

Este trecho de carta, por mais simples ou insignificante que possa parecer, como qualquer uma de suas outras cartas e escritos póstumos, por mais marginal que possa ser, vemos que não é! Enfim, neste trecho, o filósofo faz um pequeno prenúncio, porém bastante considerável, acerca daquilo que viria a complementar em discursos proferidos em suas conferências realizadas na universidade em Basiléia no ano de 1872, intituladas *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*[2]. Nestes rabiscos, estaria ele repudiando aquilo que viria ser: professor? Ou repudiando a condição intrínseca de ser professor: filisteu da cultura, homem de rebanho? "*Sim, sim! Agora é a minha vez de ser um filisteu!*"

Em sua juventude, quando exercia o magistério, faz diversas críticas aos estabelecimentos de ensino na Alemanha, que podemos encontrar a partir de textos transcritos de suas Conferências intituladas *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* e outras dispersas em fragmentos ao longo de suas obras. Quanto à verdade, assim a retrata: "A verdade é feia: Nós temos a arte para não perecermos da verdade". (NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmento Póstumo da Primavera-verão de 1888*). Para ele, a cultura não deveria ser "*serva do ganha-pão e da necessidade*", que, tanto o *Gymnasium* quanto a universidade haviam se voltado para a profissionalização, pouco se distinguindo

2 Da série de conferências que Friedrich Nietzsche pretendia proferir, nomeadas *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, apenas cinco foram proferidas, entre janeiro e março de 1872, no *Akademisches Kunstmuseum* da Basiléia, e nenhuma delas fora publicada pelo autor. Entretanto, Noéli Correia de Melo Sobrinho traduz do francês para o português, a partir da edição *Oeuvres philosphiques completes,* estabelecida por Giorgio Colli e Mazzino Montinari [A partir dos *Arquivos Nietzsche* na Alemanha, os italianos Giorgio Colli e Mazzino Montinari organizaram a edição das obras completas de Nietzsche para o alemão, francês e italiano]. No entanto, Noéli vale-se também de uma versão em espanhol, disponível no *site* "Nietzsche em Castellano"[Disponível em: <http://www.nietzscheana.com.ar/>], e também da versão de fragmentos publicada na *Coleção Os pensadores* como *Nietzsche: Obras incompletas*. Aqui destaco que supracitada tradução de Noéli (2003) intitulada *Escritos sobre Educação: Friedrich Nietzsche* não fora organizada por Nietzsche, mas é uma escolha que o tradutor faz por organizar os ditos e escritos mais específicos deste filósofo sobre o tema da educação, sendo eles: As conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* a *III Consideração intempestiva: Shopenhauer educador* e alguns fragmentos póstumos. Neste artigo, o enfoque que será dado se debruça apenas sobre a temática do ensino superior contida em tais conferências.

CADERNO DE PUBLICAÇÕES UNIVAG Centro Universitário
ISSN: 1678-0655 n° 6

de escolas técnicas, e ainda se ostentando como lugares de cultura. Tal tendência à profissionalização desdobra-se na universidade.

Do artifício discursivo utilizado por Nietzsche para a série de suas cinco conferências proferidas, entre janeiro e março de 1872 no *Akademisches Kunstmuseum* – Basiléia, rememora e utiliza uma história para ilustrar seu pronunciamento, referindo-se a um inusitado encontro que tivera, real ou fictício.

O contexto do encontro: Para celebrar uma festa comemorativa, Nietzsche se reuniu com seus colegas de Bonn, com intenção de recordar a instituição que fundaram outrora – *a Germânia* [3]. Nietzsche e seus amigos se reuniram neste local e encontram um velho filósofo [talvez a figuração de Shopenhauer] e seu discípulo acompanhados de um cachorro, que porventura estavam à espera de um amigo. Estes, de imediato se retiram incomodados com o lazer (disparos de pistolas) de Nietzsche e seus colegas. Apartam-se e se distanciam. Passado algum tempo, Nietzsche e um de seus amigos escutam certa conversa distante e vão espiar o diálogo acalorado entre o filósofo e seu discípulo. Ficaram bastante interessados na fundamentação de tal diálogo. Depois de muito ouvir, revelam-se ao filósofo, de onde travam uma conversa acerca do que até então havia sido falado.

3 Germânia – espécie de confraria, fundada por Nietzsche e seus amigos de escola em 1860 às margens do Reno, com objetivo de discutir arte, música e literatura, cujo compromisso de cada membro era enviar uma vez por mês uma produção própria: poema, tratado, projeto de arquitetura ou de obra musical, onde todos em vigilância mútua ficavam responsáveis, tanto por estimular ou refrear as inclinações para a cultura, bem como por julgar, com sinceridade absoluta e crítica amigável. Nietzsche era o conselheiro musical. Tinham por diversão praticar tiro de pistola. As reuniões deveriam acontecer amiúde a cada ano, na mesma data, no fim do verão em um sítio perto de Rolandseck. Graças a esta, que segundo Nietzsche: jamais pensaram em "profissão", exploração quase sistemática do Estado o qual, o mais cedo possível, busca atrair para si funcionários utilizáveis e se assegurar através de exames rigorosos, e nesta sociedade, sem imaginar um objetivo, tinham orgulho de ser inúteis, espíritos não utilizáveis, pois não queriam ser úteis para nada.

ISSN: 1678-0655 n° 6

NIETZSCHE, O ARÚSPICE ROMANO

No prefácio de suas Conferências, ao falar ao público, Nietzsche diz: "O assunto sobre o qual lhes têm a intenção de refletir comigo é tão sério, tão importante e, num certo sentido, tão perturbador: *o futuro de nossos estabelecimentos de ensino"*. No entanto, se alguém lhes prometesse ensinar algo desta pretensão, reflete que "seria, no entanto, sempre possível que ele tivesse *querido dizer* algo de justo sobre esta perturbadora questão", pois "é possível que algum dos mestres que tiveram, tenham sido grandes personagens, com capacidade de predizer o futuro, à maneira dos a*rúspices romanos*, examinando as entranhas do presente".

A partir desse ponto, aproveitando a ocasião que as conferências públicas lhe proporcionara, Nietzsche inicia o relato que testemunhou de uma conversa – na ocasião em que estava reunido com a sociedade de colegas – que um filósofo e seu discípulo tiveram sobre este assunto. A ousadia da conversa lhe pareceu útil descrever, com boa-fé, semelhante diálogo, com o intuito de animar os ouvintes a emitir um juízo sobre os pontos de vista e declarações.

Àqueles que se fará compreender quando contar o diálogo ao qual se refere, Nietzsche diz: "ouvintes que advinham imediatamente somente o que pode ser indicado" e "completem o que foi preciso calar", assim como "somente precisem que lhes lembre o que já sabem, e que não lhes seja ensinado uma coisa nova". Em síntese, ele fala e se faz compreender apenas por seus pares, os capazes de ir além do texto.

Os dois prefácios que Nietzsche faz são bastante elucidativos sobre aquilo que discorreria em suas cinco conferências proferidas, tituladas *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872). No primeiro prefácio, comenta-lhes sua escolha do título, salientando que o dever de qualquer título é "ser tão preciso, claro e persuasivo quanto possível", aproveita e pede desculpas aos ouvintes que não será ele a fazer as aplicações daquilo que falará, pois não queria carregar a responsabilidade dos usos que poderiam ser feitos de seus propósitos. Quanto ao fato de seu título soar como profético, "sobre o futuro", disse ele:

ISSN: 1678-0655 n° 6

> Querer ser profeta é sem dúvida a maior das presunções, de modo que parece ridículo declarar que não se quer sê-lo. Ninguém teria o direito de falar com o tom de oráculo sobre o futuro de nossa cultura e sobre a questão que está ligada a ela, o futuro dos nossos meios e dos nossos métodos educacionais, se não pudesse provar que esta cultura vindoura é já, numa certa medida, um presente e que, numa medida maior ainda, ela deve se expandir para exercer uma influência necessária sobre a escola e as instituições educacionais. Que se permita adivinhar o futuro, como um arúspice romano [sacerdote da Antiguidade que fazia prognósticos e presságios, consultando as entranhas das vítimas]. (NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Primeiro Prefácio, 1872).

Dessas conferências, não é o fato de o título soar como profético que chama minha atenção. Minha atenção e *preocupação* se dão ao que discorre em diagnósticos, e não predições, dos dois prefácios de suas conferências.

Neles o filósofo aponta sua tese quanto à educação, que podemos tomar como síntese de tais conferências:

> Duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originariamente fundados em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de *estender tanto quanto possível a cultura*, por outro lado, a tendência de *reduzi-la e enfraquecê-la*. (NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Primeiro Prefácio, 1872).

Neste trecho citado, o filósofo põe em debate/análise a universalização da cultura, a *tendência de estendê-la às massas*, do mesmo modo que diz da *tendência da redução da cultura*, a especialização do conhecimento. Deste modo, fundadas em bases diferentes, na perspectiva da primeira tendência, a cultura é levada ao número maior possível de pessoas, estendendo assim uma cultura medíocre. Pela segunda, reduzida em fatias, em recortes, portanto aniquilada e enfraquecida.

Da extensão e redução da cultura, para o rebanho, *versus* estreitamento e concentração.

Dessa forma, ao examinar, o filósofo faz suas réplicas: a *tendência da extensão* (universalização) diz ser necessário o *estreitamento* e a *concentração da cultura,* ao passo que a *tendência da redução* (especialização) aponta o *fortalecimento* e a *soberania da cultura.* Nesse exame, ele compreende que, em tal propositura, a "crença na possibilidade de uma vitória é justificada", pois essas duas tendências "são tão contrárias aos desígnios constantes da natureza", mas "a concentração da cultura num pequeno número é uma lei necessária da natureza, [...] embora as duas outras tendências só possam chegar a fundar uma cultura mentirosa". (NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Primeiro Prefácio, 1872).

Resumindo, universalizar e/ ou especializar a cultura é algo contrário aos desígnios da natureza, mas a concentração e fortalecimento, ou seja, educação autêntica para poucos é uma lei necessária, pois uma educação universalizada e especializada só pode vir fundar uma cultura mentirosa.

Em minhas palavras, posso dizer que uma *educação medíocre para muitos* pode ser muito pior que uma *educação autêntica para poucos*, afinal uma inclui para excluir, enquanto outra exclui para incluir. Entretanto, apenas uma dessas não é hipócrita!

Mesmo assim, diante desse diagnóstico, Nietzsche ainda enxerga alguma possibilidade:

> Vejo certamente vir um tempo em que os homens sérios, a serviço de uma cultura inteiramente renovada e purificada e num trabalho comum, se tornarão os legisladores da educação rotineira – da educação que leva a esta cultura; é verdade que então eles produzirão quadros. (NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Segundo Prefácio, 1872).

Entretanto, neste ínterim, entre o futuro do qual anunciava e o presente do qual vivenciava, dizia que talvez se fosse assistir à destruição do ginásio e da universidade, ou pelo menos uma transformação tão profunda que, aos olhos daqueles do porvir, os quadros antigos parecerão "restos de uma civilização lacustre".

Para uma compreensão da complexidade do pensamento de Nietzsche, muitos terão que se desarmar de preconceitos e conceitos. Ele mesmo relata, no segundo prefácio de suas conferências, que não escreve para as

ISSN: 1678-0655 n° 6

massas, pois escolhe seus leitores, ou melhor, seus leitores hão de possuir qualidades para escolhê-lo e compreendê-lo. *O leitor esperado por Nietzsche*, segundo entendimento dele próprio, há de ter três qualidades: *sem pressa*, e sem remorso que possa "escolher e buscar as boas horas do dia e os momentos fecundos e poderosos para meditar sobre o futuro de nossa cultura"; *não privilegiar a si e à sua "cultura",* como critério seguro de todas as coisas; bem como, *não esperar por encerrar um quadro de resultados*, pois ele não promete quadros e novos horários para os estabelecimentos de ensino. O que quer Nietzsche é um homem que não desaprendeu a pensar lendo, que lê nas entrelinhas e medita sobre o lido, talvez, depois de ter fechado o livro. E, com seu livro na mão, ele busca por pessoas que sejam impulsionadas de todos os lados por sentimentos análogos: homens isolados, "seres dotados pela contemplação, cujo olho não desliza num exame prematuro na superfície das coisas, mas sabe encontrar o caminho até o núcleo do seu ser". (NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Segundo Prefácio, 1872).

"Democratizam-se os direitos do gênio para suavizar o trabalho que exige uma formação, para arrefecer a carência pessoal de cultura. Todos preferem se instalar, tanto quanto possível, à sombra da árvore que o gênio plantou."– O velho Filósofo – [NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. I Conferência (1872)]. *In*: Melo Sobrinho (2003, p. 60).

> A cultura, por diversas razões, deve ser entendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha humildemente a serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo. – O Discípulo – [NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. I Conferência (1872) Grifo do autor] *In*: Melo Sobrinho (2003, p. 61).

Extensão – um dos dogmas da economia política [*nationalökonomischen Dogmem*] – cuja verdadeira tarefa da cultura é criar homens tão "correntes" quanto possível, uma espécie de "moeda corrente", através do máximo de conhecimento e cultura possível. Portanto o máximo de produção e necessidades possível, o máximo de felicidade possível. Onde

ISSN: 1678-0655 n° 6

as instituições de ensino se colocam a formar indivíduos para que possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e de lucro. A união da "inteligência e da propriedade" é o princípio dessa concepção de mundo, perspectiva que chega a odiar toda cultura que torne solitário, que não tenha o dinheiro e o ganho como fim, que demande muito tempo. Cultura rápida, pronta a formar seres que ganhem dinheiro, uma espécie de "egoísmo superior" tem o costume de descartar as tendências divergentes. – O Discípulo – [NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. I Conferência (1872)] *In*: Melo Sobrinho (2003, p. 61-62).

Uma questão social: "a massa poderia ter a impressão de que a cultura estendida à maioria dos homens não era senão um meio para uma minoria obter a felicidade na terra", pois a universalização desmedida da cultura a enfraquece, não garante qualquer privilégio ou respeito, uma barbárie. [NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. I Conferência (1872)] *In*: Melo Sobrinho (2003, p. 62).

Em alguns países, esta *extensão* em razão de temor da opressão religiosa, encontra-se o desejo ávido de cultura, com elementos que possam destruir os instintos religiosos. Noutros lugares, o Estado visa à *extensão máxima* para garantir sua própria existência – funcionários e exércitos. Onde grito de guerra da massa exige uma cultura popular mais extensa, o filósofo procura entender, por quais motivos: Para o ganho e para posse? Pelas opressões religiosas? Ou pela consciência que um Estado tem de seu valor?

Outra forma de analisar a cultura, por outro lado, advinda dos círculos acadêmicos, menos retumbante, certamente é aquela da *redução da cultura*. Nesta, o erudito ou acadêmico, como queiram chamar, alguém com boas disposições, mas não excepcionais, que queira produzir algo no campo de estudo das ciências, deverá devotar-se a uma especialidade e desconsiderar aquilo fora dos limites da disciplina. Se por um lado assim ele está acima do vulgar, ou seja, do povo, por outro, pouco difere deste. Altamente especializado, mais se parece a um operário de fábrica que, por exemplo, durante toda sua vida não faz senão fabricar certo parafuso, com incrível virtuosidade e fidelidade às pequenas coisas. A divisão do trabalho nas ciências visa à redução, ao aniquilamento da cultura.

A democratização da pseudoeducação *versus* cultura autêntica?

ISSN: 1678-0655 n° 6

"*Educação para todos!*" tem sido o anseio das massas e, por assim ser, o lema de muitos governos populistas. Falar de educação para as massas soa como falar de conhecimento para o povo, de libertação do povo, de conscientização das massas, de emancipação dos indivíduos, etc. "*Educação para todos!*" parece-nos positivo, parece-nos bom. Sendo assim, tratar também de *universalizar a "educação superior"* sempre há de ser um som positivo e bom aos ouvidos das massas. Deste enredo, lanço algumas perguntas. Mesmo que esboce tentar respondê-las, não me comprometo em dar respostas prontas e acabadas. Com elas quero apenas provocar:

O que é universalizar a educação superior? Apenas aumentar o número de matrículas? Qual é essa "educação superior" que o Estado oferece para todos? Sendo dualista no perguntar: Universalizar, *custe o que custar*, é um bem ou um mal necessário? Que caminhos levam o Estado a abrir mão dos ideais mais elevados da cultura em nome de uma educação medíocre para todos? O que seria menos mentiroso, uma *pseudoeducação para todos* ou a *cultura autêntica para poucos*?

De comum acordo, para muitos pensadores da educação, o que difere o ensino superior, a universidade, dos demais níveis de ensino se deve ao tripé ensino, pesquisa e extensão: O ensino contempla a emissão e recepção, inversamente mútua, entre educador e educando, na troca de saberes acumulados, sistematizados, inventados e produzidos pela humanidade. A pesquisa é a condição material e intelectual de inventar ou produzir conhecimentos através de critérios científicos ou de ensaios filosóficos. A extensão é a relação universidade/sociedade, em que haveria de ser uma troca dialógica, portanto mutua e constante de saberes.

Para ilustrar a questão do acesso ao ensino superior no Brasil, vemos que é crescente o número de matrículas a cada década ou ano que passa. Aqui talvez coubesse dizer que a ordem ascendente de vagas oferecidas seja compatível à ordem crescente da população e sua demanda, mas o que vemos, na realidade, é que de fato a "educação superior" tem sido para cada vez mais pessoas. Aqui não cabe entrar no mérito do aumento do número de pessoas em cursar a educação superior. Não é este o problema em apreço. Cabe questionar as causas, motivos e consequências de se querer universalizar o ensino superior. Aqui cabe dizer que, ao questionar esta "*educação superior" para as massas*, abro espaço para inúmeras críticas,

pois é uma voz pronunciada contra um suposto direito que se pretende de todos. Mas nada tão contundente quanto aquilo que vou dizer.

Diante de uma demanda crescente criada, cada vez o Estado oferece acesso ao "ensino superior", multiplicam-se vagas e matrículas. "Educação superior" que, por sua vez, haveria de oferecer ensino, pesquisa e extensão a todos que nela ingressassem. Entretanto, do oferecido está um *ensino* questionável, educação de rebanho; com algumas oportunidades e péssimas condições de *pesquisa* para os poucos que ainda pesquisam; e do reduzido diálogo dos saberes com a comunidade externa, que se pretende como *extensão* universitária.

Universalizar ou democratizar o acesso pode abarcar muitos significados: significa oportunizar transposição dos muros e cercas da universidade; significa aumentar o tamanho e o número de salas de aula; significa ensinar a distância, por meio de um conjunto de tecnologias. Garantir acesso e permanência é garantir um número certo de professores e de carteiras para um número certo de alunos. Não seria este o diagnóstico do ônus de se estender a "cultura"?

Entretanto, é ingênuo pensar que ingressar no "ensino superior" conceda livre passagem perante as paredes que se constituem entre os muros. Universalizar ou democratizar acesso sem pesquisa, sem arte e filosofia significa universalizar ou democratizar uma educação que se pretende superior, mas que está longe de sê-lo.

Entre os muros, onde fica a invenção, a produção e a criação do conhecimento sem filosofia, arte e pesquisa? Aqui vale retomar ao leitor desatento uma das epígrafes deste ensaio, de minha autoria.

Neste ponto de nosso diálogo (porque provoca vozes contrárias ou a favor no silêncio diante do texto que diz muito), já que menciono uma das epígrafes, hei de comentar outra, de Nietzsche, em que diz ser "a *educação* um sistema de meios visando a arruinar as exceções em favor à regra [...]". Em se tratando de uma "educação superior" para as massas, um sistema de meios visando arruinar as exceções (a formação do gênio) em favor à regra (do nível dos medíocres). Assim, a exigência fraca de uma "educação superior" medíocre não está para as exceções, não está para os fortes, mas para a média. Para as massas, cabe uma educação superior que não pressupõe a formação superior, mas a formação medíocre é para as

ISSN: 1678-0655 n° 6

massas. Por isso, é para uma média, para grupos e populações que se pretende uniformizar e homogeneizar. Esta regra é para o coletivo, porque "todos são iguais perante a lei", a frieza da lei desconsidera as exceções. Seu pretenso propósito seria elevar a fraqueza das massas à superioridade das exceções, mas a condição das exceções é para poucos, seja na ordem material, seja na ordem intelectual.

Exemplificando acerca das exceções, friso que educação alguma pode produzir exceções, ou seja, condições instrumentais e materiais. Por si sós não criam o gênio, aliás ele também se revela entre carências. A genialidade está no ser e não nas coisas, coisas não revelam gênios. Contudo, uma "educação superior" para as massas só pode tratar indivíduos como generalidades. Desse modo, jamais tornará massa alguma superior, pois mediocremente está posta para massificar, uniformizar e homogeneizar, de modo a arruinar possíveis exceções em favor à regra, à média.

Para Nietzsche, a cultura não deveria ser "*serva do ganha-pão e da necessidade*", que tanto o *Gymnasium* quanto a universidade haviam se voltado para a profissionalização, pouco se distinguindo de escolas técnicas, e ainda se ostentando como lugares de cultura. Tal tendência à profissionalização se desdobra na universidade.

O que a universidade teria com a arte? O que a arte teria com a universidade?

No que diz respeito à universidade - a instituição que neste ensaio nos propomos a discutir -, Nietzsche aponta para a necessidade de conter a tendência profissionalizante e histórico-científica, e que se volte para os problemas essenciais da condição humana, a cultura. Deste modo, sua proposta é que seja investigado como essas questões estão sendo apresentadas no conjunto da *arte* e da *filosofia*, que, segundo o próprio, são únicas disciplinas capazes de moderar a feição histórico-científica e profissionalizante. *Educação para arte* – Embora existam professores que tenham gosto pela arte, a universidade não oferece vida para arte, onde o estudante não recebe o "*adestramento artístico*" que haveria de ser útil à vida, capaz de disciplinar o "*instinto desenfreado de conhecimento*" que domina todos os outros instintos, a ponto de ser nocivo para vida. Embora não se possa extrair dos textos de Nietzsche um projeto de "*adestramento artístico"* do jovem universitário - pois não mostra caminhos -, sua exposição afirma-

ISSN: 1678-0655 n° 6

tiva indica finalidades de uma educação para a arte, a qual agiria contra os efeitos nocivos da compulsão do saber a qualquer preço, disciplinaria tanto o "*instinto de conhecimento*" quanto à própria ciência, que, ao querer conhecer a vida, custe o que custar, destrói as ilusões tão necessárias à vida humana. A ciência é incapaz de dar sentido à beleza da existência, de considerar a vida em seu conjunto. O "*instinto da ciência*" revira, parte, anatomiza e vasculha a vida em seus detalhes. Já a arte não se interessa por tudo que é real, não quer tudo ver, nem tudo reter, é anticientífica, ela nos liberta, embora não escape da lupa e dos bisturis dos cientistas. A *educação para arte* possibilitaria ao jovem contestar a pretensão científica de tudo saber; conduzir o conhecimento de modo a fazê-lo servir a uma melhor forma de vida; devolver à vida as ilusões confiscadas; restituir à arte o direito de continuar a cobrir a vida com os véus que a embelezam. (DIAS, 1993).

A universidade alemã do séc. 19 não soube se utilizar de um "*adestramento artístico*", não teve interesse em conter, por meio da arte, as tendências cientificistas. A retomada de tal problemática é extremamente pertinente e profícua como ponto de pauta para compreendermos a gênese e rumos da universidade hoje, em meio a uma série de transformações, embates, crises de paradigmas e financeiras, etc. que culminaram em diversos modelos de educação superior em nosso país. Atualmente, aqui no Brasil, a universidade, não no contexto exatamente como na Alemanha do séc. 19, mas tal e qual está contaminada pela tendência histórico-científica e profissionalizante. Não que Nietzsche tenha, ou haveremos de ter, algo contra as escolas de ensino técnico profissionalizante. Pelo contrário, elas, em verdade, cumprem com seus objetivos. As exceções, os gênios ficaram de lado em relação aos objetivos do Estado. Agora, qual seria o objetivo primordial da universidade? Expandir-se mediocremente ao máximo possível de pessoas? Treinar? Formar? Qualificar para o mercado? Fornecer quadros para o Estado? Criar doutos especialistas? São respostas a que Nietzsche não apresentou projetos, mas abriu caminhos.

ISSN: 1678-0655 n° 6

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. O portador. In: *NIETZSCHE, F. Obras incompletas, vol. II*. Posfácio. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

COLEÇÃO OS PENSADORES. *Nietzsche: Obras incompletas*. vol. II. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador.* 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

LAROSSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos* sobre educação. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida.* Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. *Obras incompletas, vol. II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SAMPAIO, Alan da Silva. *Origem do ocidente: a antiguidade grega no jovem Nietzsche.* Ijuí: Unijuí, 2008.

SOBRE El Porvenir De Nuestras Instituiciones Educativas (1872). Disponível em: <http://www.nietzscheana.com.ar/sobre_el_porvenir.htm>. Acesso em: 10 maio 2009.

WEBER, José Fernandes. Autoridade, singularidade e criação: sobre o problema da formação (Bildung) em *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, de Nietzsche. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 515-532, maio/ago. 2008 515. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 maio 2009.